

Minha história na Lusa por Joaquim Alves Heleno

Minha história na Lusa começa em 1925, com a saída de meu pai de uma aldeia de Vila Real, no norte de Portugal, e sua vinda ao Brasil. Neste ano, a Lusa já tinha 5 anos e ele, logo ao desembarcar, tornou-se um torcedor fanático do clube, assim como seus amigos Nestor Pereira e Antonio da Fonseca.

Nasci e me criei numa casa portuguesa e, desde cedo, aprendi a apreciar a comida, as músicas, as histórias dos navegantes e, claro, a Portuguesa, que era a grande representante da Comunidade Luso-Brasileira. Meu pai incentivava essa paixão me levando aos jogos; ao campo da Cesário Ramalho; à sede no Largo de S. Bento; à inauguração, em 1940, do Pacaembu, onde assisti a vitória da Lusa por 7x3 em cima do Corinthians, entre inúmeros outros eventos.

Em 1947, João Ramalho assumiu a presidência do clube. Foi nessa administração que entrei como Sócio Contribuinte, no dia 06 de fevereiro, e, após vários anos, me tornei Sócio Remido. Nessa altura, meu pai já era conselheiro e a Lusa, que, não tendo mais o campo da Cesário Ramalho, sonhava com a sua casa própria. O time treinava no Ibirapuera, no Hipódromo e no campo do Vigor, no Belenzinho. O elenco, no entanto, era fenomenal, contando com jogadores como Pinga, Nininho, Simão e, posteriormente, Djalma Santos. Essa forte equipe conseguiu o terceiro lugar no Campeonato Paulista.

Em 1949, ano em que o Dr. Oswaldo do Valle Cordeiro assumiu a presidência, eu, meu pai e toda a sua turma íamos a quase todas as partidas, sendo que, na maioria, acabava em “pancadaria”. Perdi as contas das vezes que meu pai foi preso por não aceitar a provocação dos torcedores rivais. Eu, por outro lado, não ligava para as ofensas adversárias, pois a Portuguesa tinha um time vencedor, ficando novamente em terceiro lugar no Paulista. Além disso, Nininho e Simão foram convocados para a Seleção Brasileira e Pinga foi o artilheiro da competição. Nesse mesmo ano, o clube ficou, também, em terceiro lugar no Torneio Rio-São Paulo e contratou Brandãozinho, que era o sonho dos torcedores.

Em 1951, sob a gestão do Dr. Mário A. Isaías, a Portuguesa conquistou a Fita Azul, após 10 jogos invictos no exterior, e a Taça San Isidro, vencendo o Atlético de Madri na Espanha. O time tinha estrelas como Brandãozinho, Djalma Santos, Julinho e Pinga, todos convocados para defender a seleção nacional. A casa própria, porém, era, ainda, apenas um sonho.

Presidida pelo Dr. Luiz Portes Monteiro a partir de 1955, a Portuguesa conseguiu a compra do Canindé. O terreno foi adquirido com uma lista de 1500 associados que contribuíram, sendo meu pai um destes. No local surgiu um estádio de madeira, carinhosamente apelidado de Ilha da Madeira. Agora com uma casa, a Lusa continuava a encher seus torcedores de alegrias.

Em 1962, resolvi começar a ajudar o clube que tanto amo, dado que, dois anos antes, eu havia me formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie. Sendo assim, eu entrei como Diretor e adquiri o título de Sócio Patrimonial Remido, junto com meu pai.

Durante o mandato do Dr. Mario a. Isaías, iniciado em 1966, foi formada uma comissão para construir o estádio de futebol e o ginásio de esportes. Com isso, acabei fazendo parte da Comissão de obras.

Iniciamos, assim, as obras, estaqueando o prédio do ginásio com estacas pré moldadas de concreto da Firma Benáchio. No projeto original havia um salão de festas, mas este acabou por não ser construído.

Após assumir em 1968, o presidente Manuel M. Mendes Gregório, com planos de erguer o estádio, executou a drenagem do campo de futebol em espinha de peixe, que está funcionando até os dias atuais.

O Dr. Oswaldo T. Duarte foi quem concluiu, após assumir no início da década de 1970, as obras do ginásio de esportes e, também, o primeiro anel do estádio, com capacidade para 10.000 pessoas. Ainda em seu mandato, parte do terceiro anel foi, também, concluída. Esses feitos, e o seu enorme carisma, o tornaram o maior presidente da história do clube. Durante sua gestão, também, a Lusa sagrou-se campeã paulista de 1973, junto com o Santos do rei Pelé.

No final da década, com o clube sendo presidido por Manuel M. Mendes Gregório, foi construída a gruta de N. Sra. de Fátima, projetada por mim, numa festa inesquecível. A imagem de Fátima, vinda de Portugal, foi levada de helicóptero e pousou no meio do estádio, sendo aclamada por milhares de pessoas. A imagem de Fátima está, até hoje, presente na gruta, como padroeira de nosso clube.

Além disso, o presidente Gregório colocou as cadeiras numeradas, separou os setores com gradis, terminou os sanitários, cobriu a marquise com telhas de alumínio, construiu as tribunas de honra e a imprensa e ainda construiu as quadras de bocha que, assim como o prédio da sede social, foi projetado por mim.

No ano de 1988, eu, Joaquim Alves Heleno, assumi a presidência do clube. Durante minha gestão iniciamos o projeto e a construção da piscina elevada aquecida, fizemos o túnel de ligação entre o campo de futebol e o depto. Médico, construímos o depto. de fisioterapia e reformamos o conjunto aquático e reformamos o conjunto aquático, contando com a ajuda do dinâmico Vice Adm. José Vaz - chamado carinhosamente de Zé da Farinha. No depto. de marketing tínhamos Cláudio Santiago, que conseguiu o patrocínio da Mizuno para o uniforme da Lusa.

O grande problema do clube na época era a falta de um campo para os treinamentos, sendo estes feitos no ginásio ou no campo de areia. Eventualmente, indo a uma obra que tinha em São José dos Campos, vi mais de 20 campos disponíveis no Parque Ecológico do Tietê. Conversando com o Dr. Alfredo Augusto, presidente do COF, ele me disse que conhecia o deputado Farabulini Júnior e este

tinha acesso ao governador. Desse modo, fomos ao palácio do governo e conseguimos uma área de 112.000m². O projeto, porém, deveria ser aprovado pelo Conselho Superior do Meio Ambiente, pois o local era um Parque Ecológico. Eu, portanto, logo providenciei o levantamento topográfico e o projeto arquitetônico do centro de treinamentos. Para isso, visitei os principais CTs do país e, para causar impacto, confeccionamos uma maquete, que hoje está exposta no museu histórico da Portuguesa. Fizemos, então, a reunião com o Conselho do Meio Ambiente, na qual o projeto foi apresentado, junto com a garantia do plantio de 10.000 árvores a título de compensação, e aprovado.

Iniciamos, assim, a construção de nosso centro de treinamento. O terreno foi aterrado e nivelado e nele construímos 4 campos de futebol e um conjunto de vestiários para que, além dos jogadores profissionais, a base do clube tivesse onde treinar. O CT foi feito sem campanhas para arrecadar dinheiro e em apenas 2 anos de mandato, por isso entendo esse como o meu maior feito no clube.

Tive muita sorte em minha gestão por ter sido acompanhado por profissionais excelentes. No futebol, o vice presidente era o extraordinário Joaquim Justo dos Santos, que montou um time competitivo - contando com jogadores como Roberto Dinamite, Waldir Peres, Capitão, Zenon, e companhia - e, com isso, me dava grande tranquilidade. Ficamos em quinto lugar no brasileiro e Justo conseguiu isso sem onerar o clube. Um grande exemplo da competência dele foi a contratação de Dinamite, que veio por empréstimo e a Portuguesa não pagou nada pela transação.

Fui eleito, novamente, em 2002. A Lusa, porém, vivia uma realidade muito diferente da que eu conheci no fim da década de 80: a Lei Pelé, ao entrar em vigor, arruinou com as finanças dos clubes; tínhamos poucos sócios; empregávamos muitos funcionários antigos, cujas funções eram dispensáveis, mas recebiam salários que não conseguíamos pagar e não tínhamos dinheiro nem para pagar a conta de eletricidade. Para conter os gastos, tivemos que, a contragosto, despedir um elevado número de funcionários, na expectativa de fazer acordos com esses na Justiça do Trabalho. Além disso, foi feita uma fiscalização dos últimos 10 anos do INSS, apresentando uma dívida astronômica.

Eu, porém, não desisti. Consegui um acordo com a Lusoarenas, empresa portuguesa sediada em Sintra, no qual eles se comprometiam em conseguir investidores, a Portuguesa cederia o terreno e uma arena com capacidade para 45.000 pessoas seria construída. O empreendimento, porém, foi vetado. Tentamos, também, a construção de uma escola de Ensino Médio para 500 alunos, pois entendemos que estes alunos se tornariam torcedores, mas também não houve êxito. Outros projetos, como o término do CT em parceria com um clube da Coreia do Sul, também foram vetados. Consegui, por fim, uma parceria com a Ability, que arcou com todas as despesas do futebol profissional.

Esses insucessos me levaram à depressão e, por isso, tive que me ausentar do clube a pedido do meu médico. Pessoas influentes do clube me diziam que a Portuguesa não chegaria no fim do ano, mas eu, conhecendo as dificuldades financeiras que o clube havia vivido nos últimos 63 anos, respondia: “A Portuguesa pode até envergar, mas jamais vai quebrar, porque está construída em rocha, não em areia movediça. Todos nós iremos passar, mas a Portuguesa continuará, porque é eterna”.